



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento do Programa Território de Paz, no bairro São Pedro

Vitória-ES, 06 de março de 2009

O Paulo Hartung é baixinho, você viu o microfone onde está? Eu sou obrigado a levantar aqui, para ficar da altura do MV Bill, alto, bem alto, nos meus [um] metro e noventa de altura.

Primeiro, eu queria cumprimentar o companheiro Paulo Hartung, o nosso querido governador,

O nosso prefeito,

Cumprimentar os nossos companheiros ministros Dilma Rousseff, Tarso Genro, Fernando Haddad e Franklin Martins,

Cumprimentar o Ricardo Ferraço, nosso vice-governador,

O deputado Elcio Álvares, presidente da Assembléia Legislativa do Espírito Santo,

Os nossos amigos senadores Gerson Camata e Renato Casagrande,

Cumprimentar os deputados e deputadas federais Capitão Assunção, Irini Lopes, Jurandir Loureiro e Lelo Coimbra,

Cumprimentar o companheiro Rogério Favreto, secretário da Reforma do Judiciário,

O companheiro Ronaldo Teixeira, secretário executivo do Pronasci,

Cumprimentar o Rodney Rocha, secretário de Segurança do Espírito Santo,

O Ângelo Roncalli, secretário de Justiça do Espírito Santo,

Cumprimentar os prefeitos Helder Inácio Salomão, de Cariacica; Sergio Vidigal, de Serra; Ângela Maria Sias, de Viana; Neucimar Fraga, de Vila Velha,



Cumprimentar o nosso companheiro Antonio Carlos Ferreira, superintendente da Caixa Econômica Federal,

MV Bill e o nosso companheiro Celso Athayde, que representam a Central Única das Favelas,

Cumprimentar Dirlene Antonia da Silva, representante regional do Conselho, aquela senhorita que falou aqui,

Cumprimentar os meus queridos companheiros e companheiras moradores do bairro São Pedro, da cidade de Vitória e da região,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês, em primeiro lugar, todos vocês devem ter pegado esse formulário entregue pelo Ministério da Justiça. Se vocês não pegaram, depois ali tem uma exposição, porque é importante que cada pessoa saia daqui sabendo corretamente o que é o Pronasci, o que significam as [Mulheres] da Paz, para que a gente possa ajudar outras pessoas a compreenderem o que está acontecendo aqui no bairro São Pedro hoje.

Em segundo lugar, quero dizer para vocês que eu lamento, é com tristeza, Paulo Hartung, que eu fico sabendo que eu sou o primeiro presidente da República a vir ao bairro São Pedro. Possivelmente, o Brasil nunca teve o hábito de um presidente da República ter contato direto com o povo do seu país. Isso possibilitou que, ao longo de tantos e tantos anos, a gente criasse uma distancia entre quem governa e os governados.

Na verdade, eu acho que o Coser, Paulo Hartung e eu não deveríamos usar a palavra governança: “eu governo”, porque, na verdade, governar era para aquele cidadão que fazia discurso para os pobres e depois governava para os ricos. Na verdade, o que nós estamos mudando neste país é que nós estamos cuidando das pessoas. Nós estamos cuidando do Brasil, cuidando do Espírito Santo e cuidando de Vitória. O que significa cuidar? Significa não ter preocupação em abraçar as pessoas, em conversar com as pessoas, em se



sentir igual às pessoas. Não pode haver uma distância entre quem governa e quem é governado.

Nós estamos fazendo essa mudança, que não vai acontecer em quatro ou em oito anos. É um processo cultural, é um processo que vai levar algum tempo para os políticos aprenderem e para a sociedade também aprender. Eu digo sempre que nós estamos fazendo algumas coisas que, se tivessem sido feitas 30 anos atrás, a gente não estaria agora fazendo essas coisas, poderíamos estar fazendo outras.

Eu quero dizer para vocês que é justa a homenagem que o Governador fez ao ministro Tarso Genro, porque antes do nosso governo a coisa mais habitual era o prefeito acusar o governador pela violência. O governador, para se livrar, acusava o presidente da República. O presidente da República dizia que a responsabilidade era do estado, porque estava na Constituição que é o estado que cuida de segurança. Nós acabamos com isso, acabamos com essa transferência de responsabilidade. O problema é de vocês, é meu, é do governador, é do prefeito, é do deputado. O problema é do PT, do PMDB, do DEM, do PSDB, do PSB, do PDT, é da Igreja católica, é da Igreja evangélica. O problema da segurança é um problema crônico e tem que ser enfrentado por todos nós.

E quando eu digo que somos nós, é porque a gente tem que partir da nossa casa. Se cada um de nós cuidar da nossa família corretamente, se dentro da nossa casa a família estiver em harmonia, pai, mãe e filhos vivendo bem, respeitando um ao outro, certamente a gente terá menos problema. Se a gente evitar que os nossos filhos frequentem ambientes que não devem ser frequentados, nós estaremos contribuindo. Se a gente garantir que nossos filhos têm escola para estudar, que os nossos filhos têm acesso à cultura, têm acesso ao esporte, e se os nossos filhos puderem, além de estudar, ter um empregozinho, certamente eles estarão livres da violência existente nesse país.



Eu acho que tudo começa a partir do comportamento dos pais, tudo começa. A primeira (incompreensível) para tomar conta da sociedade é cada um de nós cuidar do nosso. Ou seja, eu botei filho no mundo, eu vou tratar de educá-lo, eu vou tratar de cuidar dele, porque a gente não pode também colocar filho no mundo e achar que é o Estado que tem que cuidar. Quem tem que cuidar é a própria família. Lógico que isso, teoricamente, é perfeito. Na prática, nós sabemos que as condições de miséria muitas vezes levam a família a ficar desagregada.

Vocês viram, essa semana, em Recife: um padrasto violentou sexualmente uma menina de nove anos de idade. Nós sabemos que isso acontece, e sabemos que isso é um processo de degradação da estrutura da sociedade. Se pai e mãe não estiverem bem, pode estar certo de que os filhos não estarão bem. Por isso, pai e mãe têm sempre que dar o exemplo de comportamento. Se o pai chega em casa bêbado, ele não tem moral para falar para o filho não beber. Se o pai chega em casa e agride a companheira, ou agride os filhos, ele perde autoridade moral de ter ascendência educacional sobre os seus filhos. Se pai e mãe, então, estão desajustados, a tendência natural é passar o desajuste para a família, e aí a gente entra nesse processo de deformação da sociedade brasileira.

E aí, Paulo Hartung, os meios de comunicação não contribuem como deveriam contribuir. A única coisa que eu peço a Deus é que este país, um dia, quando o jornal mostrar um jovem delinqüente ele tem que mostrar, do outro lado, os milhares de jovens que não são delinqüentes. Quando mostra um jovem que está perdido, mostre os milhões que estão estudando e que estão trabalhando, porque às vezes, a gente recebe uma carga muito pesada de maus exemplos.

Na nossa geração, para a gente ver televisão, a gente tinha que levantar o bumbum do sofá e mudar de canal. E aí ficavam brigando pai, mãe e os filhos: “muda de canal”. Ninguém se levantava, então ficava só em um canal.



Agora a modernidade levou ao controle remoto, e as pessoas falam: “a televisão é livre, assiste quem quer”. Mas um pai e uma mãe que trabalham e que têm criança dentro de casa, quem é que controla o controle remoto? E o que a gente aprende todo santo dia? Quais são os momentos em que a gente recebe informação educativa, orientadora? Quais são? Fiquem na frente de uma televisão 24h por dia. Se é um pouco mais rico, fique na frente de uma televisão dessas a cabo, para ver: é morte de manhã, morte à tarde, morte à noite, morte no café, morte na janta. E agora inventaram uns tais de uns videogames aí, umas maquininhas, [em] que é morte 24 horas por dia. É esse o processo de educação que a gente recebe. E depois essas coisas recaem nas costas dos professores brasileiros e das professoras, que têm que educar as crianças sobre tudo. E como é que vai educar as crianças se o professor não estiver prazerosamente satisfeito com a sua profissão, e prazerosamente ganhando um salário digno? Como é que isso vai acontecer?

Qual é o processo que a gente pode ter nas escolas para politizar e orientar as nossas meninas, se é quase proibido, “preconceitualmente”, a gente ter educação sexual nas escolas? Então, a mãe não ensina porque não está preparada para ensinar, o pai não ensina porque tem vergonha, a professora não ensina porque não está preparada, a televisão não ensina, o cinema não ensina, a vida ensina. E muitas vezes a vida ensina errado, e aí a gente vê muitas meninas de 14 anos, 13 anos, 12 anos, 15 anos, sendo mães precoces por falta de orientação, por falta de preparo. Tudo isso é um conjunto de coisas que faz gerar a violência. E por que gera violência? Todo mundo sabe, na casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão.

O que é o Pronasci? O Pronasci é uma tentativa de fazer com que o poder público municipal, o poder público estadual, o poder público federal, em vez de acharem que é a polícia que vai resolver, [digam]: o que vai resolver são as políticas públicas que a gente foi capaz de implantar nos bairros mais pobres deste país.



E tem que ter polícia, sim. Mas um policial bem preparado, bem formado, um policial que seja amigo do povo da comunidade. Não é aquela polícia que aparece à meia-noite atirando, não. E aí mata quem não deveria matar, e quem deve morrer – ninguém deve morrer, porque deve ir para a Justiça – os bandidos ficam soltos. Nós não queremos mais essa polícia, nós queremos uma polícia capaz de se encontrar com uma companheira aqui no São Pedro e educadamente falar: “Bom dia, senhora; bom dia, companheira; bom dia, meu amigo”. Ou seja, nós vamos passar respeitabilidade para a polícia, e ela vai passar respeitabilidade para nós, e aí a gente vai viver muito mais tranquilo.

Agora, junto com o Pronasci, a gente vai ter aqui neste Território quadra de futebol, a gente vai ter... tem que ter escola de formação, tem que ter preparação, os soldados estão estudando, vai-se construir moradia para os soldados. Isso aqui é a primeira tentativa que o governo brasileiro está fazendo para dizer: “em vez de polícia, ação; em vez de polícia, educação; em vez de polícia, cultura; em vez de polícia, lazer; em vez de polícia, emprego; em vez de polícia, oportunidades para as pessoas”.

Por isso eu quero dizer para vocês, companheiro Paulo Hartung e companheiro Tarso Genro: eu quero ser cúmplice de vocês, nessas coisas que vocês estão fazendo. Porque isso aqui, Paulinho, tem que acompanhar, não apenas o Ministério da Justiça, mas você, o prefeito e a comunidade têm que acompanhar, a cada mês têm que dizer se as coisas estão acontecendo. Não tem nada pior do que eu vir aqui e dizer que vai ter um centro cultural e daqui a dois anos vocês me encontram e falam: “Lula, cadê o centro cultural?”. Não basta a gente prometer uma praça de esportes e daqui a dois anos vocês falarem: “Lula, cadê a praça de esportes?”.

Então, eu gostaria que sobretudo a comunidade assumisse a responsabilidade de cobrar, cobrar e cobrar porque, na história do Brasil, político não gosta de ser cobrado. Não tem coisa pior no mundo do que um



político em um lugar em que está o povo para cobrar. Político, na verdade, gosta que as pessoas aplaudam, que as pessoas concordem com ele. Na época da política é assim: eu nunca vi, em uma campanha política, um candidato falar mal de pobre, nunca vi. Pobre é a coisa mais linda do mundo. E você vê, todos os políticos falam mal de banqueiro, todos. Falam mal de banqueiro, falam mal de fazendeiro. Depois que as eleições acabam, o que a gente percebe? Não tem fotografia de político almoçando com pobre, não tem fotografia de político indo a casamento de pobre, não tem. Podem procurar, na história.

Então, é a isso que vocês têm que ficar atentos. A gente só vai conseguir fazer as coisas bem feitas se vocês estiverem de cabeça erguida, estiverem dispostos a cobrar, estiverem dispostos a pressionar a gente para as coisas acontecerem. Esse Pronasci é a oportunidade. O Papa já veio aqui, já rezou, vocês sabem que essa vila aqui, o Governador me contava que isso aqui começou com o Vitor Buaiz, depois com o Paulo Hartung, depois com o Luis Paulo, e agora com o João Coser. Eu passei de carro aí e isso aqui está uma cidade, uma cidade bonita. Agora, eu sei que ainda tem violência. E a violência, nós agora estamos começando a cuidar dela.

Eu quero agradecer às mulheres que tiveram coragem de participar do Território de Paz, eu quero agradecer às mulheres e aos homens que participam do projeto Protejo. Vocês estão dando uma demonstração de que vocês não estão apenas cobrando. Vocês estão dizendo para nós: façam a parte do governo, que nós fazemos a parte da comunidade.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)